

# “IDEOLOGIA, EU QUERO UMA PRA VIVER”: SUJEITO, DISCURSO E BUSCA POR UM POSICIONAMENTO NA LETRA MUSICAL DE CAZUZA

"IDEOLOGY, I WANT A LIFE TO LIVE": SUBJECT, SPEECH AND SEARCH FOR A POSITIONING IN THE MUSICAL LETTER OF CAZUZA

"IDEOLOGÍA, YO QUIERO UNA VIDA VIVIR": SUJETO, DISCURSO Y BUSCA POR UNA POSICIONAMIENTO EN LA LETRA MUSICAL DE CAZUZA

Anísio Batista PEREIRA\*

**Resumo:** Considerando o contexto da década de 1980, este estudo se propõe a analisar a letra musical *Ideologia*, composta e interpretada por Cazuzza, quando este já havia se desvinculado da banda Barão Vermelho e seguia carreira solo, com o objetivo de problematizar a questão do sujeito jovem que é materializado no discurso da letra musical. Como suporte teórico-metodológico para análise, adotou-se a Análise do Discurso de vertente francesa, mais precisamente, alguns conceitos formulados pelo filósofo Foucault, sobretudo sujeito e discurso, possibilitando um desdobramento em relação aos posicionamentos constituintes do sujeito enunciator inscrito na letra da música. Percebe-se um sujeito que faz uma narrativa de si, exteriorizando um pessimismo em relação ao futuro, dado pela perda de utopia que se percebe como reflexo da época em questão, mas busca por uma saída, por um posicionamento.

**Palavras-Chave:** Sujeito e Discurso; *Rock* brasileiro de 1980; Cazuzza.

**Abstract:** Considering the context of the 1980s, this study proposes to analyze the musical lyrics *Ideology*, composed and interpreted by Cazuzza, when he had already disassociated himself from the band Barão Vermelho and followed a solo career, in order to problematize the question of the young subject that is materialized in the Speech of the musical letter. As a theoretical-methodological support for analysis, the French Speech Discourse Analysis was adopted, more precisely, some concepts formulated by the philosopher Foucault, especially subject and discourse, allowing a unfolding in relation to the constituent positions of the subject enunciator inscribed in the letter of the song. One perceives a subject who makes a narrative of himself, externalizing a pessimism towards the future, given by the loss of utopia perceived as a reflection of the time in question, but seeks for an exit, for a positioning.

---

\* Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás – UFG (Regional Catalão). Contato: anisiopereira2008@hotmail.com.

**Keywords:** Subject and Speech; Brazilian Rock 1980; Cazuza.

**Resumen:** En el contexto de la década de 1980, este estudio se propone analizar la letra musical *Ideologia*, compuesta e interpretada por Cazuza, cuando éste ya se había desvinculado de la banda Barón Rojo y seguía carrera solista, con el objetivo de problematizar la cuestión del problema, Sujeto joven que se materializa en el discurso de la letra musical. Como soporte teórico-metodológico para análisis, se adoptó el análisis del discurso de vertiente francesa, más precisamente, algunos conceptos formulados por el filósofo Foucault, sobre todo sujeto y discurso, posibilitando un desdoblamiento en relación a los posicionamientos constituyentes del sujeto enunciator inscrito en la letra de la música. Se percibe un sujeto que hace una narrativa de sí, exteriorizando un pesimismo en relación al futuro, dado por la pérdida de utopía que se percibe como reflejo de la época en cuestión, pero busca por una salida, por un posicionamiento.

**Palabras clave:** Sujeto y Discurso; Rock brasileño de 1980; Cazuza.

## Considerações iniciais

O presente estudo objetiva investigar a constituição do sujeito enunciator da letra musical *Ideologia*, de Cazuza, integrante do *rock* brasileiro da década de 1980, a fim de problematizar a constituição do sujeito e seu vínculo com a história, tendo em vista seus processos constituintes, por meio dos quais é possível se aderir a certos posicionamentos. Assim, os conceitos de sujeito e discurso, baseados na vertente foucaultiana, ganham destaque, sendo tomados como suporte teórico-metodológico para este estudo, pelos quais as análises ganham sustento, possibilitando a compreensão do sujeito inscrito na referida letra musical.

O eixo central dessa pesquisa se baseia na problemática do sujeito, pelo teor complexo do seu discurso em meio a inúmeras instâncias que o colocam na condição de impotente e é exatamente essas construções que pretendemos investigar, traçando um ponto de encontro entre essa perda utópica e suas condições históricas. Para tanto, os conceitos foucaultianos, de linha francesa, serão abordados, tendo em vista que o enunciado, nessa dimensão discursiva, desempenha o papel de ser um átomo do discurso, por meio do qual o sujeito se posiciona; e, em segunda instância, a análise da letra musical, norteando os resultados, possibilitando as conclusões.

## Sujeito e discurso, segundo Michel Foucault

Considerando a história no âmbito da produção de discursos, vale ressaltar que ela não caminha de forma linear como a História enquanto ordem cronológica. Assim, enquanto que nesta última os acontecimentos se dão sequencialmente uns após outros, na ordem do discurso essa linearidade e continuidade cessam, uma vez que a produção e circulação de discursos estão sempre retomando discursos produzidos anteriormente, em outros momentos na história (GREGOLIN, 2006). Nessa perspectiva foucaultiana, a história é descontinuidade, deslocamento, ruptura, mesmo que são retomados discursos anteriores, pelos efeitos de memória que neles são sinalizados.

Segundo Foucault (2009), esses discursos produzidos e circulados, ainda que se apresentam como materialidade repetível (linguagem) e vinculados a outros discursos já ditos anteriormente, produzem efeitos de memória, cujo passado, acontecimento anterior, é trazido para o discurso atual, tendo como consequência um efeito de sentido particular, uma vez que o momento histórico é outro:

[...] todo discurso manifesto repousaria secretamente sobre um já-dito; e que este já-dito não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um “jamais-dito”, um discurso sem corpo, uma voz tão silenciosa quanto um sopro, uma escrita que não é senão um vazio de seu próprio rastro. Supõe-se, assim, que tudo que o discurso formula já se encontra articulado nesse meio-silêncio que lhe é prévio, que continua a correr obstinadamente sob ele, mas que ele recobre e faz calar (FOUCAULT, 2009, p. 28, grifo do autor).

Nessa direção, os discursos se manifestam por meio dos enunciados. Enunciado, tomado como algo efetivamente produzido, apresenta uma época de sua produção, materialidade linguística, um suporte histórico e institucional, e um campo associado, por meio do qual o sujeito se posiciona. Nessa perspectiva, o fator que diferencia um enunciado de outro produzido anteriormente são as suas condições históricas de possibilidades, isto é, as suas singularidades que o tornam único, pelos seus efeitos de sentido que o sustentam. Vale destacar que

essa memória no qual o sujeito do discurso se inscreve é coletiva, justificando os efeitos de sentido que nela se exprimem. “Os sentidos produzidos são efeitos de representação da realidade na escrita, pois eles reconhecem o exterior constitutivo do acontecimento que os possibilitou” (FERNANDES, 2012, p. 95).

Ainda sobre a ideia de enunciado como acontecimento, tornando-o singular pelas suas condições de existência, Foucault (2009, p. 31/32) reitera que:

Trata-se de um acontecimento estranho, por certo: inicialmente está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas, por outro lado, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, ou materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro; em seguida, porque é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação [...].

Nessas circunstâncias, a noção de discurso em Foucault (2009) se assenta na ideia de um conjunto de enunciados com a mesma formação discursiva, esta se vincula à formação social, traduzindo-se, em outras palavras, em posicionamento do sujeito discursivo. Assim, ao considerar um enunciado como acontecimento, o que está em jogo são suas vinculações históricas que o sustentam, fatores responsáveis pelo seu aparecimento e não outro em seu lugar. Por outro lado, esses fatores que possibilitam o surgimento de certo discurso e não outro em seu lugar se fundamentam exatamente nas suas condições de emergência.

Os discursos exprimem a realidade, situações políticas, culturais e sociais, peculiaridades que vão para além de uma materialidade linguística pura, mas que esses elementos citados se ligam à história, descontínua e não repetível. Assim, ainda que o enunciado remete ao reaparecimento de discursos, os sentidos dessa materialidade linguística são únicos, tendo em vista suas condições sócio-históricas de existência.

O processo de enunciação apresenta seu suporte no sujeito, o qual se relaciona a todo momento com outros discursos e com outros sujeitos, por meio dos quais ele se constitui. Nesse processo, outros elementos essenciais ligados ao discurso merecem atenção, tais como as relações de poder e a verdade como fatores responsáveis pela

subjetivação do sujeito. No seu trajeto social, os sujeitos estão em constante processo de relações de poder, este independe do macropoder do Estado, mas de sujeito para sujeito, chamadas de relações de microfísicas do poder (FOUCAULT, 1981). Nessas relações, vale destacar a linguagem e o corpo como dispositivos fundamentais para a constituição dos sujeitos, os quais passam por processos de individualização, de constituição, relações que acabam por regular suas ações e seus discursos.

Atrelada ao poder está a verdade, a qual é constituída exatamente nesse jogo de relações de poder entre os sujeitos. Trata-se do produto das relações de poder que regula as condutas, produzindo um efeito de verdade em cada sociedade. Nessa direção, pelas relações de microfísicas de poder (entre sujeitos), por meio das regulações, os discursos são tomados ou não como verdadeiros. Esses discursos, considerados verdadeiros, são vistos como legítimos no interior de dada sociedade.

Foucault (1981) explana a relação entre poder e verdade, defendendo que esses fatores estão indissociavelmente interligados, pelas relações entre os sujeitos, no âmbito das relações de poder que a sustentam. Nesse processo, vale destacar que essas relações e regulações sociais que resultam em verdades se dão pelos discursos e pelos sujeitos, sendo que a linguagem se torna fator decisivo nesse percurso.

Nessa perspectiva de verdade, a interdição ganha destaque, pois nessas regulações, são definidos os discursos que são aceitos para circularem em determinado momento na história. Em outras palavras, essas relações de poder e verdade detêm autoridade sob aquilo que pode ou não pode ser dito em algum lugar e em determinada época. Além disso, o sujeito do discurso também é levado em conta nessas interdições, pois o que pode e deve ser dito é fundamentado a partir do lugar ocupado socialmente pelo sujeito do discurso (FOUCAULT, 1996).

Ainda segundo Foucault (1997), em se tratando das relações de poder entre os sujeitos do discurso, pela linguagem, outro aspecto relevante emerge, que é a subjetivação, pela qual os sujeitos se constituem. Assim, afirma-se que cada momento histórico produz sujeitos consonantes com a época, pela natureza dos discursos

veiculados na história. Além disso, já que nos discursos são representados fatores políticos, culturais e sociais, e que a história, no âmbito da linguagem/discurso, as subjetividades são construídas de acordo com esses aspectos, fundamentados pelos discursos (FERNANDES, 2012).

A concepção histórica de acontecimentos discursivos, discutidos anteriormente, entra no âmbito da constituição dos sujeitos pelos discursos, cuja história se debruça sobre as produções e veiculações discursivas. O sujeito é assim concebido pela sua relação com os discursos produzidos em dada época, cuja relação social com outros sujeitos e discursos provocam a sua constituição enquanto ser social, sujeito da linguagem constituído pela história.

Considerando que a produção de subjetividades ganha destaque no âmbito das relações de poder e envolve o jogo de verdade, e que esses elementos são variáveis ao longo da história, é possível detectar que cada momento produz sujeitos a seu tempo. Assim, como a história é dinâmica e irrepitível, vale destacar que os sujeitos e os discursos estão sempre em movimento, sempre na ordem do (i)nacabado, em processos de construção e de modificação, bem como se percebe nos discurso do sujeito de *Ideologia*, de Cazuzza, letra musical que será analisada em seguida.

### **Leitura da letra musical *Ideologia*, de Cazuzza**

De acordo com Dapieve (1995), o cantor e compositor Cazuzza (1958-1990) apresenta seu início no meio musical como um dos integrantes da banda Barão Vermelho, desempenhando a função de vocalista do grupo. Essa banda foi formada no Rio de Janeiro, na época, por cinco integrantes, ocasião em que Cazuzza se destaca na música, tendo Roberto Frejat como parceiro para suas composições. O primeiro álbum dessa banda é lançado no início da década de 1980, da qual Cazuzza se desvincula anos depois, em 1985 e passa a seguir carreira solo, tendo lançado sete álbuns.

A letra selecionada para análise é *Ideologia*. Composta por Cazuzza e Roberto Frejat, a letra *Ideologia* integra o terceiro álbum solo do cantor, lançado em 1988. O álbum *Ideologia* rendeu prêmios ao artista, sendo, portanto, considerado pela crítica como um de seus melhores álbuns. Nele, Cazuzza trata de temas variados, com destaque

para a *Aids* e a morte, que foram abordados no referido disco. Além das temáticas mencionadas, a letra remete para o tema sobre sonho, em que o desejo do sujeito inscrito na letra é frustrado.

Buscando analisar a letra musical, tomada em trechos como enunciados, segundo as formulações foucaultianas, em que o sujeito se posiciona, vale destacar o conceito de ideologia como uma visão de mundo, que para o sujeito enunciativo, se traduz em uma inversão da realidade. Isto é, trata-se de uma busca por um posicionamento diante de uma realidade contrária em relação à idealizada por esse sujeito. Assim, ainda que pode ser entendida uma neutralidade do sujeito, hum viver “fora” da ideologia, essa própria descrença política e social pode ser considerada como ideologia, como um posicionamento.

<i>Ideologia</i> (Cazuza; Roberto Frejat)	
Meu partido	O meu prazer
É um coração partido	Agora é risco de vida
E as ilusões estão todas perdidas	Meu <u>sex and drugs</u> não tem nenhum <u>rock 'n' roll</u>
Os meus sonhos foram todos vendidos	Eu vou pagar a conta do analista
Tão barato que eu nem acredito	Pra nunca mais ter que saber quem eu sou
Eu nem acredito	Pois aquele garoto que ia mudar o mundo
Que aquele garoto que ia mudar o mundo	(Mudar o mundo)
(Mudar o mundo)	Agora assiste a tudo em cima do muro
Frequenta agora as festas do " <u>Grand Monde</u> "	
Meus heróis morreram de overdose	Meus heróis morreram de overdose
Meus inimigos estão no poder	Meus inimigos estão no poder
Ideologia	Ideologia
Eu quero uma pra viver	Eu quero uma pra viver
Ideologia	Ideologia
Eu quero uma pra viver	Eu quero uma pra viver

**Quadro 1:** Letra musical *Ideologia*, de Cazuza.

Nos enunciados introdutórios da letra, há um jogo de palavras, em que o termo “partido” assume significados distintos, provocando um efeito de sentido no contexto em questão, pelo descrédito na política. “Meu partido” pode estar direcionado a partido político, enquanto que “É um coração partido” revela um processo de subjetivação (o embate entre o emocional e o político: política, partido político e política de vida, subjetividade). Isto é, o termo “partido” é tomado pelo sujeito como referência a seu posicionamento diante da situação política que se encontra.

Dessa forma, é revelado o desejo do sujeito de mudar uma realidade, vontade que é reforçada pela afirmação do sujeito, aquele que ia “mudar o mundo”, mas parece que houve uma desistência dessa mudança. Nessa direção, o termo “partido” ganha destaque para sublinhar a subjetividade do sujeito, em relação a seu projeto de vida: “mudar o mundo”. Assim, a palavra no primeiro enunciado sugere partido político, enquanto que no segundo, o termo evidencia a desilusão política do sujeito, por não ser capaz de efetivar o projeto de vida daquela geração. Nesse contexto, se faz presente uma memória em relação às ideologias de décadas anteriores que perdem força nos anos 1980. Dessa forma, há um descompasso entre o passado utópico e o presente sem perspectivas para o futuro.

Nesse sentido, há o discurso de um sujeito dividido entre sonho e realidade. Assim, o sujeito externa subjetividades que apontam para uma frustração: “E as ilusões foram todas perdidas”. Esse enunciado revela, também, perda da utopia, isto é, o sonho de uma geração que acreditava em mudar o mundo (aspectos políticos, sociais, culturais) como sendo uma das características da década de 1980, possibilitando, assim, tomar a história como lugar de destaque para o processo de subjetivação do sujeito (FERNANDES, 2012).

No que tange ao aspecto social relacionado às drogas, vale destacar o seguinte trecho: “Meus heróis morreram de overdose/Meus inimigos estão no poder/Ideologia/Eu quero uma pra viver”. No enunciado “Meus heróis morreram de overdose” há o discurso sobre artistas os quais o sujeito os tinha como referência, ligado às drogas, temática bastante ligada à juventude da década em questão. Trata-se de uma questão social relacionada às décadas de 1960 e 1970 e que se intensifica nos anos 1980. Nesse contexto, a droga era motivo de experimentação como forma de atingir outras esferas perceptivas, havendo casos de abuso e overdose, além de suicídio por meio das drogas. Além disso, a incompatibilidade política entre o sujeito e os governantes vigentes é trazida à tona em “Meus inimigos estão no poder”. Considerando o momento de lançamento dessa letra, trata-se de um período de descrédito na política, não correspondendo às expectativas do sujeito. Ressalte-se que o presidente da República na época era José Sarney, PMDB (1985-1990). Nessas circunstâncias, o sujeito se vê diante de uma situação contrária aos planos daquele

garoto. Isto é, realidade que contradiz o presente do sujeito, contrapondo-se à sua ideologia que era “mudar o mundo”.

O discurso se dá em primeira pessoa do singular: “meu”, “quero”, termos que se vinculam ao individualismo, ao passo que os jovens de décadas anteriores promoviam os movimentos sociais em grupos. Nessa direção, trazendo essas práticas juvenis para a pós-modernidade, é possível apontar para essa tendência individualista *versus* coletiva, cujos sujeitos se preocupam mais com sua satisfação pessoal do que com seu grupo. Por outro lado, no âmbito discursivo, o sujeito nunca é individual, mas social, vinculando-se, assim, a um grupo, como se percebe no enunciado em análise. Além disso, trata-se de uma juventude preocupada com o agora, aspectos momentâneos, práticas passageiras, sem compromisso com o futuro.

Nessa perspectiva de contradições entre o passado e o presente, é revelada uma subjetividade pautada no sentimento de incapacidade do sujeito, fazendo-o a apelar por uma “ideologia”, por um posicionamento. Há, portanto, uma contraversão entre a realidade vivenciada e o projeto de vida do sujeito, deixando-o sem iniciativa, sem posicionamento. Esse discurso cujo sujeito deixa de se posicionar sugere, também, a descrença dessa geração, mas ao mesmo tempo, convida os sujeitos do grupo o qual representa para novas formas de participação, já que faz seus questionamentos.

Além disso, os dois enunciados iniciais apontam para uma contradição em relação ao desejo do sujeito, tendo em vista a morte dos seus heróis e o poder que é exercido pelos seus inimigos. Os termos linguísticos “heróis” e “inimigos” reforçam essa sugestão em relação ao discurso explicitado pelo sujeito, os quais se encontram em situações opostas, aniquilando a utopia da geração da época dada, da classe representada no discurso.

Em “Meus inimigos estão no poder”, pelo seu caráter político, revela um discurso de relação de poder entre sujeitos, bem como defende Foucault (1981). Nesse contexto, trata-se da geração governamental *versus* a sociedade representada pelo sujeito do discurso. Dessa maneira, considerando as formulações desse teórico, as relações de poder, dentre outros fatores, são essenciais para a formação de sujeitos, pela sua individualização que ocorre por meio das práticas sociais, sobretudo discursivas. E o sujeito inscrito no discurso é

subjetivado nessas relações de poder, inclusive política, dada a sua desilusão política, pela forma de governo na época supracitada. Nessas circunstâncias, a forma de regime político almejada era a democrática, uma política que possibilitasse novas formas de práticas sociais. Assim, a utopia era significativa para essa geração no sentido de ser sinônimo de força e esperança de mudança política, dadas as perdas de referências.

Nessa direção, o sujeito, ao demonstrar estado de anestesia em relação à tomada de atitude em meio às situações que o cercam, apela para isto, ou seja, “Ideologia, eu quero uma pra viver”, se colocando em uma posição de enfrentamento. Contudo, essa liberdade de escolha ideológica pode ser entendida por outro ângulo, a falta dela, mas que o sujeito procura descobrir uma saída, uma busca por ideologias.

Destacam-se, nos enunciados posteriores, marcas linguísticas consideráveis para análise discursiva, tais como “aquele” e “agora”, sendo o mesmo sujeito, mas pertencendo a momentos históricos diferentes. Nesse contexto, é revelado um sujeito dotado de uma ideologia pautada por um momento histórico (“aquele garoto que ia mudar o mundo”), mas que perde essa utopia no seu momento presente, no caso, a década de 1980. Há uma demarcação de condições históricas de mudança no discurso do sujeito, tendo em vista que na década em que foi produzido o discurso, o sujeito desacredita na política, opondo-se àquele sonho que se apresentava anteriormente. Esse discurso, que sugere posicionamentos distintos do sujeito, pode ser melhor compreendido de acordo com Foucault (2009), quando defende que o sujeito é constituído de acordo com o momento histórico que o atravessa.

Percebem-se, nos enunciados acima, pistas de que o sujeito do discurso trata-se de um jovem, uma vez ligando-o aos prazeres, como sexo, drogas e *rock'n'roll*, elementos ligados ao consumo, experimentos que se intensificam nos anos 1980. Dessa forma, o sujeito traz esses aspectos para sua realidade para reforçar o pessimismo por ele elencado, em relação ao seu estado de apatia política.

Além disso, os elementos linguísticos citados pertencem ao estrangeirismo. Esse aspecto pode ser percebido nitidamente em inúmeras letras do *rock* dos anos 1980, adoção de uma cultura com

forte influência estrangeira que se estabelece na época, tendo em vista a globalização que vive uma fase já crescente no mundo.

As marcas linguísticas “meu”, “vou”, “sou” sugerem o olhar do outro, abordando questões sociais marcadas historicamente, nos anos 1980, como drogas, *rock’n’roll*, a ameaça de futuro anunciada pela *Aids* e o perigo de se autoafirmar homossexual (morte social). Esse discurso pode apontar para o sujeito empírico (Cazuza, homossexual, assumido e portador do vírus HIV), mas ao mesmo tempo, a partir dessa realidade de um sujeito, isso pode designar grupos, que se percebe nos versos “O meu prazer/ Agora é risco de vida”. Nota-se que a marca temporal “agora”, delimita o espaço e tempo do sujeito. Soma-se a ameaça da *Aids* e a descrença política, delimitada pelo enunciado “em cima do muro”, que indica tanto a ausência de posição política quanto a desilusão em relação ao futuro (“mudar o mundo”).

O discurso contido nessa letra musical aponta para um passado histórico que retoma as décadas anteriores, cujos jovens eram revolucionários e a utopia marcada pelo desejo de igualdade social. No entanto, ao contrário desse espírito revolucionário, o sujeito do discurso demonstra certa descrença para com o futuro, situando-se no seu presente e descrendo no futuro. Dessa forma, há uma demarcação de diferença entre o futuro do passado e o futuro do presente do sujeito, o discurso elenca o termo garoto (sugestão de que a utopia prevalece) e posteriormente a um adulto que fica “em cima do muro”, pelas incertezas políticas, sociais e culturais. Essas considerações podem ser modalizadas, tendo em vista o discurso do sujeito, sendo percebidas buscas de alternativas para o presente vivenciado pela geração supracitada.

Nesse contexto, a letra da música, se relacionada ao conceito de subjetividade formulado por Foucault (2009), é possível afirmar que o sujeito é subjetivado por meio das situações sociais que o cercam, tendo em vista as circunstâncias da década de 1980. Percebem-se, no discurso, traços de uma subjetividade que desacredita no futuro (mudança) e no presente (assiste a tudo em cima do muro), além da perda da utopia e do espírito revolucionário de décadas anteriores, como por exemplo, dos anos 1960.

## Considerações finais

Pelos discursos materializados nos enunciados da referida letra musical, vale destacar a ligação nítida entre o contexto social (momento histórico) e as reações do sujeito enunciator. Trata-se de uma década chamada “perdida”, devido à perda das grandes utopias: descrédito na política, intensificação da *Aids* e uso de drogas, além da revelação de perda de referências por parte do sujeito. Nessa direção, vale destacar que se trata de um sujeito constituído pelas condições sócio-históricas que o rodeiam, não correspondendo às suas expectativas, quando se vivia um momento de se pensar novas práticas culturais e a juventude deveria buscar por mais espaço na sociedade.

Em meio a tantas situações negativas, o sujeito se encontra perdido, sem posicionamento concreto, sente-se incapaz de reação frente às situações. Contudo, é possível perceber que há uma semente de esperança, que o sujeito busca por uma saída, que apesar de toda negatividade momentânea, é preciso tomar para si uma posição, uma ideologia. E nesse cenário, os discursos explicitam a constituição desse sujeito em diferentes momentos na história, quando o passado e o presente se confrontam e esse choque pode ser percebido nas palavras desse sujeito. Dessa forma, é possível concluir que o sujeito enunciator dos discursos materializados na letra musical é o reflexo das condições sociais que o cercam, ligadas, sobretudo, à história.

## Discografia

CAZUZA; FREJAT Roberto. Ideologia. Intérprete: Cazuza. In: CAZUZA. *Ideologia*. Rio de Janeiro: Universal Music, p1988. 1 LP. Faixa 1.

## Referências

DAPIEVE, Arthur. **Brock**: o *rock* brasileiro dos anos 80. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2012.

FOUCAULT, Michel. [1969]. **Arqueologia do saber**. 7. ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

\_\_\_\_\_. Subjetividade e verdade. In: \_\_\_\_\_. **Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)**. Tradução de Andrea Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, p. 107-115.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogo os & duelos**. São Carlos: Claraluz, 2006.

*Recebido em: 24/05/2017*

*Aceito em: 25/07/2017*